

A LANTERNA

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COM.

Assinaturas para o Brasil

ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

Assinaturas para o exterior

ANNO 15\$000
SEMESTRE 8\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Dogma e Sciencia

Vem de longe o conflito entre o Dogma e a Sciencia, e esse conflito destaca-se desde logo á simples definição dos termos.

O que é sciencia?

— Conjunção de conhecimentos adquiridos e systematizados sobre qualquer assumpto.

E adquiridos, como?

— Pelo estudo, pela analyse, pelo confronto, pela indagação, quer dizer: pelo exame directo da realidade.

De sorte que a sciencia traz sempre a convicção ao espirito, quer dizer a adhesão da razão ao conhecimento adquirido.

E o dogma?

— O dogma é o conhecimento adquirido sem esforço algum mental, sem estudo, sem analyse, sem confronto, sem indagação, por simples imposição autoritaria. É uma verdade de revelação que se suppõe aprioristicamente dictada por Deus ao padre ou á Igreja, e que pela Igreja e pelo padre é ensinada ao fiel, o qual é obrigado a accepta-la sem discussão, passivamente, sem analyse, antes pelo contrario, suffocando em si todas as pretensões da razão rebelde.

O primeiro dogma que o christão é obrigado a crer é um duplo erro de logica: uma petição de principio e um circulo vicioso.

Falamos da «revelação».

O christão cre no ensino dos livros santos e no ensino da Igreja partindo da petição de principio de que um e outro são ou foram dados pelo Espirito-Santo em pessoa. É essa a unica razão da sua fé. Desde que Deus seja o revelador como Deus é a suprema verdade, nem pode enganar-se nem enganar-nos. Quer dizer, assenta-se a verdade da doutrina da revelação sobre a presumida realidade da propria revelação. «Admittido que tal doutrina é revelada, tal doutrina é verdadeira.»

Quem provou já que ella fosse ou seja revelada?...

Aqui entra o circulo vicioso.

Eu creio na revelação porque a doutrina da revelação é de fé.

Por outra, e mais simplesmente: creio porque creio!

Ha maior absurdo?...?

E o que nos ensina a presumida verdade revelada?...

Comecemos pelo principio.

«No principio criou Deus o ceu e a terra.»

Eis, logo ao primeiro enunciado, estabelecido o primeiro conflicto entre a Fé e a Sciencia.

«O ceu e a terra é uma expressão que implica distincção. A terra é, pois, segundo o autor biblico, qualquer coisa de estranho ao ceu. Será assim?»

— Não, responde a Sciencia. A terra é apenas um corpo, e dos mais insignificantes, do systema planetario que forma o cortejo do Sol; como tal, a terra é um dos innumerables corpos (astros) que se movem no ceu, quer dizer no espaço. Dizer que «Deus creou o ceu e a terra» é fazer do volume de um corpo e do espaço occupado por esse corpo duas concepções diversas, quando ellas são identicas.

A expressão biblica é, pois, inexacta e erronea. Donde proce de o disparate?

Antigamente o ceu era considerado uma esfera crystalina sobre a qual se pregavam as estrellas. Era o «firme» de Moysés. Ao centro dessa grande esfera ficava a terra, soberana do universo. Assim, a distincção era completa. A terra estava no universo como um fetiche no seu templo.

Desta errada concepção do universo, commum a muitos povos e a muitos philosophos antigos, resultou a grosseira expressão biblica. Quer dizer: a Biblia, longe de ser revelada por um Deus que nem se pode enganar, nem enganar-nos, foi apenas a expressão do estado mental do povo, em que teve origem.

Os conhecimentos aperfeiçoaram-se depois, e a Biblia foi apañhada em falsidade.

E o que vem a ser «crear»?

Os proprios theologos o dizem: crear é tirar do «nada», quer di-

zer fazer apparecer alguma coisa onde nada existia.

Mas «existencia do nada» é uma expressão contradictoria, pois que sendo o nada a negação da existencia, o nada não existe, não tem realidade, não é coisa nenhuma. A rejeição do conceito do «nada» leva-nos á concepção da «substancia infinita». Infinita no tempo, exactamente por não se poder admittir que antes da sua existencia «existisse o nada», ou que «o nada venha a existir» depois da sua existencia; infinita no espaço, porque a admittir-se-lhe um termo, teriamos, para além desse termo, a «existencia do nada», o que já vimos que são termos contradictorios.

Não podendo existir o nada, é obvio que não se pode ter dado a criação no sentido theologico do termo.

Sabemos o que responde a theologia. Que nós tambem não comprehendemos a eternidade da substancia e o principio de causalidade nos leva a inquirir a causa primaria da existencia do universo.

Ora, a differença neste particular entre a Fé e a Sciencia é radical. A Fé, pretenciosamente, acode ao encontro da dificuldade ensinando que o mundo foi creado. A Sciencia, mais modesta, confessa não comprehender; mas sem fugir á dificuldade pela porta do absurdo, á falta de conhecimento exacto admittie provisoriamente uma hypothese scientifica, fortalecida pelos principios da Mecanica, qual é a hypothese de Laplace. Não diz que foi assim; diz que, provavelmente, foi assim.

E-depois, examinemos a ordem da criação engendrada pelo autor biblico.

«Separou Deus a luz das trevas...»

Que! pois, acaso, a luz e as trevas são seres reaes que possam andar baralhados? Ou são apenas termos antitheticos relativos a uma determinada propriedade de determinados corpos?

A luz é uma propriedade. A treva é a privação dessa propriedade. Dizer que Deus separou a luz das trevas é como se se dissesse que Deus separa o pão da falta de pão.

Haveria nada mais tolo?...

Mas maiores absurdos nos reserva o autor biblico. Desde que Deus separou a luz das trevas a luz ficou creada... Quer dizer: Deus creou uma coisa que já existia, e tanto que até estava confundida com outra! E mais: é depois de creada a luz que o Deus da Biblia se lembra de crear o Sol! — o Sol, que é exactamente a fonte commum de toda a luz e de todo o calor no nosso systema planetario!

Depois vejamos: o Sol é o centro de gravidade de todos os planetas do seu sequito; a terra é o planeta primario da lua, que daquella depende e em volta della gira. Pois embora: segundo a Biblia, foi depois de creados o ceu, a terra e a luz, que Deus acabou por crear dois luzeros, um para presidir ao dia, que é o Sol; outro para presidir a noite, que é a Lua; muito embora a Lua seja tão pouco um luzeiro, que é até um corpo opaco, reflectindo apenas a luz que do Sol recebe, e muito embora ella seja tão pouco para presidir ás noites, que ha noites inteiras em que ella nem sequer se enxerga, por mais limpo que se apresente o ceu, ou porque anda acima do nosso horizonte exactamente durante o dia, ou porque a sur face illuminada anda voltada para o lado opposto (lua nova).

Vale a pena insistir?...

Não vale. Está evidenciado que a fé do caryocero, a submissão inteira da razão ao dogma é apenas possível, ou em individuos duma completa ignorancia, ou em individuos que, sob a coacção moral do medo dos castigos transcendentes por um acto de vontade levam a razão a adiar dos seus direitos de critica.

Homens iniciados na Sciencia e dotados de espirito são e escoreito não podem acceptar os dogmas religiosos.

HELIODORO SALGADO.

O ETNA CLERICAL



Eis um vulcão ainda em actividade.

Sermões ao ar livre

Os mythologistas explicaram engenhosamente a significação emblematica da lenda da Virgem-Mãe, existente em todas as religiões antigas, oriunda do culto solar, da adoração da swastika, a virgem-mãe da sagrada faisca, monumento e celebração do glorioso descobrimento do fogo.

Os padres, porém, não querem hoje saber de mythos nem de recordações symbolicas, de representações allegoricas dos phenomenos consideraveis. Os milagres, que eram primitivamente os proprios factos naturaes, depois formulados, ordenados, systematizados em leis, são para os modernos officiaes do culto, não symbolos ingenuos, mas factos concretos, authenticos, reaes, contravenções ás leis scientificas.

Os symbolos, afinal, já não seriam hoje necessarios e não rendem dinheiro perante a massa enorme; e os artistas que d'elles se servem nem sempre se distinguem por uma famosa prosperidade e um enriquecimento repentino. O tempo está para todos os charlatões.

Não quero dizer que os sacerdotes tenham abandonado o culto do fogo, filho do diuino sol, jorrando sob a inspiração do espirito santo, o ar que sopra. Oh! não! Se esqueçam os velhos symbolos mortos e fixaram d'elles arlequinadas grotescas, a chamma propriamente dita, rubra e crepitante, não tem servidores mais fieis do que elles.

As chammas do inferno, apesar de imaginarias, são as mais lucrativas. A exploração do terror tem dado resultados estupendos,

sobretudo na hora tragica do arranque de testamentos.

Pelo fogo se faziam ouirora aos hereses certas coegas feteis em confissões e se lhes assavam finalmente os corpos venientes e rellapsos; pelo fogo, se inventa e se annuncia hoje a destruição consummada de cidades malditas como Paris; pelo fogo ha de acabar o mundo...

Desde que os sacerdotes deixaram de ser os conservadores de processos uteis e verdades scientificas, sob a forma impressionante do mytho, para constituírem uma Igreja, isto é, uma instituição politico commercial, os symbolos apagaram-se, mas as fogueiras reacenderam-se, e a sua aflicção pratica pelo fogo accentuou-se!

Nada de symbolos, porém: seriam uma desgraça para o estabelecimento. A Virgem-Mãe não é a Swastika, o lenho virgem que pare Agni, a candelha sagrada, alma gloriosa do Sol; é uma mulher em carne e osso, que pariu um bébé e permaneceu virgem, tendo sido fecundada por um pombo.

E vai o padre Amaral e explica que o facto é muito commum na natureza, onde a sariguia e o kanguru-femea guardam os filhos numa bolsa, o que é evidentemente uma prova de virgindade.

O reverendo Amaral tem, porém, avengos, nesta especie de logica: um Belles, o jesuita João Baptista de Sousa affirmou o hermaphroditismo da Virgem, o que, visto não existir na especie humana o hermaphroditismo verdadeiro, significa ir buscar aos animaes inferiores, como certos entozoarios, moluscos, uma analogia que theira levemente a darwinismo.

E assim o glorioso padre Sousa, se não foi o antepassado do seu collega Amaral, nosso sabio contemporaneo, foi sem duvida o precursor de Darwin...

Zeno Vaz.

Lanterna magica

O criterio da intolerancia

O Estado de S. Paulo, de 24 de março, publicou os seguintes telegrammas:

RIO, 23.—Tendo a companhia de operetas Galbarde, que trabalha actualmente no «Theatro Apollo», annuciado para amanhã uma «soirée blanche» offerenda ás familias, foi hoje distribuido na cidade o seguinte boletim:

«Ao povo.—«Theatro Apollo»—A gananciosa empresa deste theatro, não respeitando as crengas religiosas da sociedade brasileira, annuciou para quinta-feira uma «soirée blanche» dedicada ás familias desta cidade.

Esta afronta ás nossas crengas não pode passar despercebida. É preciso que esses ganhadores e aventureiros saibam que nesta terra ha religião e tambem quem faga respeito: as crengas alheias—Os catholicos!»

Sabe-se que a empresa resolveu suspender o espectáculo annuciado.

RIO, 23.—Sob a presidencia do sr Ignacio Tosta, director geral dos correios da Republica, realizou-se uma reunião de catholicos pelo simples facto de ter sido annuciado um espectáculo pela companhia de operetas que trabalha no theatro Apollo, espectáculo a realizar-se amanhã quinta-feira santa.

Não houve deliberação alguma, por parte da assembleia, visto ter a empresa resolvido suspender a representação.

Saudado o sr. Tosta pelo motivo de ter conseguido o impedimento de circulação de publicações obscenas, s. ex. respondeu que assim proceder não só como chefe de um serviço cujo regulamento prohibe tal circulação, mas tambem como catholico.

ás suas ideias», ao progresso e á sciencia? Assim, tambem vós não respeitais as nossas opiniões, ás quaes repugnam as vossas palhacadas?

Ora, como respeito, basta que as façais livremente: deixai, pois, que os outros exerçam igual direito, e respeitai-lh'o igualmente.

Vós, porém, só sabeis manejar a intolerancia e a violencia. Não menos vexatorio e digno de protesto é o tal «impedimento de circulação de publicações obscenas», promettedora de incontestaveis abusos e violações, como nos Estados Unidos. O correio a julgar da obscenidade de publicações! Mas onde estão as garantias elementares?

Turras catholicas

Das noticias de Portugal publicadas pelo Estado de S. Paulo do dia 22:

A confraria do Senhor Bom Jesus de Fão, Espiridade, telegraphou ao arcebispo de Braga nestes termos:

«Irmãos da confraria Bom Jesus do Fão, reunidos em assembleia geral a convite da mesa da mesma, resolveram por unanimidade, visto a attitude de v. exc e a violencia e excesso de jurisdicção commettidos pela portaria ultima, desafiar-se encerrando o mesmo templo e interpondo para a Relação do Porto recurso á Corôa.»

O telegramma relaciona-se com um conflicto travado ha pouco entre a referida confraria e o parcho daquela freguezia, sobre a interferencia que o mesmo possa ou não ter na pratica de obrigações cultuales que a confraria faga cumprir, pleito este pendente da solução do arcebispo primaz de Braga. Na reunião, a que assistiram as pessoas mais gradadas da localidade, falaram largamente Augusto Moreira Pinto e seu filho João de Oliveira Pinto.

No fim, ao fechar-se o templo, houve tumulto, causado talvez pelos partidarios do parcho, protestos, encontros e, pelo que consta, alguma bengalada á mistura.

Não deis escandalos, irmãos...

Negras conluios

Do mesmo lugar:

Sob a presidencia do patriarcha Bello, reuniram-se em Lisboa todos os bispos do continente em conferencia secreta, ignorando-se o que resolveram. A nota officiosa dizia vagamente que se tinha tratado dos interesses da Igreja e do clero, mas constou que os bispos tinham assentado em dirigir ao rei uma mensagem pedindo repressões para a propaganda anti-religiosa, defendendo interesses contrarios ás regalias do Estado e mostrando-se profundamente ultramontanos. Os prelados que assistiram á reunião foram os seguintes, além do patriarcha d. Antonio Mendes Bello:

(Segue-se uma lista de onze mitrados).

O patriarcha offereceu-lhes um jantar no seu pago de S. Vicente de Fóra e ao qual assistiu tambem o nuncio apostolico, monsenhor Julio Tonel, que estive no Brasil e que é uma pessoa dedicadissima aos padres da companhia de Jesus, hoje de novo influentes em Portugal.

Por toda a parte os corvos se agitam... e jantam symbolicamente.

Os bons negocios

Do Jornal do Commercio:

S. PAULO, 23.—Foi lavrada a escriptura de compra do edificio do Collegio Santo Agostinho, afim de ser adaptado para quartel do 2.º batalhão da Força Publica.

O Estado pagou 200:000\$ ao Arcebispo, importancia da compra.

Vê-se que não é só o cardeal Arcoverde quem sabe vender bem e tem amor ao negocio...

E agora da Platta, de 24 do mez passado:

«Depois de amanhã entrará em discussão na camara municipal o seguinte projecto, que vem confirmar uma noticia que demos ha dias a tal respeito:

Art. 1.º Ficam declarados de utilidade publica para serem desapropriados os predios ns. 4, 4-A, 6, 6-A, 8, 8-A, e 12 da rua de Santa Theresa; n. 6 da rua Capitão Salomão; ns. 3, 5, 7 e 13 da rua Marechal Deodoro, podendo o sr. prefeito adquiri-los por compra, ad referendum, da camara.

Art. 2.º Fica o sr. prefeito municipal autorizado a permutar com a Mitra de S. Paulo a área de 1373 metros quadrados de terreno occupado pelos predios especificados no art. primeiro e pela actual rua de Santa Theresa, por outra área de terreno de 1246 metros quadrados, occupados com o actual edificio da Sé, para serem aquelles incorporados

ao patrimônio municipal e destinados ao alargamento do largo da Sé.

Art. 3.º Fica o sr. prefeito municipal autorizado a pagar a Mitra a quantia de 60.000\$000 em cinco prestações anuais de reis 12.000\$000 cada ano, sendo a primeira paga logo que sejam iniciadas as construções da nova cathedral, ficando também autorizado a fazer as operações de credito que forem necessarias ao cumprimento da presente lei.

Art. 4.º Revogam-se as disposições em contrario.

As despesas com as desapropriações acima referidas estão orçadas em 449 contos.

Que guelias!

Horror à discussão

Transcrevemos do Jornal do Commercio, do dia 23 do mez passado:

«No Casino Hespanhol, á rua da Carioca, o Padre Angel Martin, Superior dos Missionarios Filhos do Coração de Maria, realizou hontem uma conferencia religiosa.

Pouco depois das 8 horas da noite, presentes o sr. Consul hespanhol e numeroso auditorio de senhoras e cavalheiros da colonia, foi feita a apresentação do orador pelo Sr. Morales de los Rios, dizendo que seus compatriotas iam ter o grato ensejo de ouvir a palavra de um sacerdote culto e illustre em missão de propaganda no Brasil.

Teve em seguida a palavra o Padre Angel Martin que produziu uma conferencia historico-philosophica, tomando por thema: «O catholicismo como principio de grandezas das nações e especialmente da Hespanha.»

O orador foi por vezes interrompido com demorados applausos, principalmente na ultima parte da sua conferencia, quando se referiu á influencia da religião no desenvolvimento das artes e da sciencia na Hespanha.

Quando acabou de falar o sr. Padre Angel Martin, houve um desagradavel incidente. Ergueu-se um assistente e pediu a palavra para refutar as theorias expandidas pelo orador.

Oppuseram-se a isso varias pessoas presentes, entre estas o Presidente do Casino Hespanhol, Sr. Placido Isasi.

Irromperam então gritos de abaixo o clericalismo e vivas á fraternidade universal.

Houve um enorme reboliço. As familias encheram-se de pânico com os protestos violentos de parte a parte.

Os mais exaltados foram postos na rua e um cavalheiro executou uma valsa ao piano, restabelecendo-se assim a calma.

Chamada a policia compareceu apenas um guarda civil.

A entrada do Casino, antes de começar a conferencia, era distribuída A Lanterna, jornal anticlerical.

Os Directores do Casino Hespanhol attribuem o facto a um grupo de exaltados anarchistas.

Exaltados porque... queriam discutir!

O ensino delles

Facto occorrido na Belgica, segundo o Estado de S. Paulo de 22 de março:

«O sr. Vandervelde, leader socialista, acaba de indicar um facto que não pode deixar de ser vivamente commentado durante o debate sobre a politica escolar do governo. O barão Descamps, ministro das Sciencias e das Artes, insinuara que o corpo docente liberal dava provas de sectarismo e não se mantinha na estricte neutralidade. O sr. Vandervelde procurou demonstrar que o sectarismo se revela principalmente no pessoal docente catholico, e contou que em julho de 1907, na escola communal de Froimont, perto de Tournai, se passou o seguinte: Preparava-se a solennidade da distribuição dos premios e havia uma scena em que quatro crianças deviam cantar coplas dirigidas a algumas nações. A copla dirigida á Belgica era naturalmente elogiosa; a dirigida á Alemanha era de benevolia neutralidade; a dirigida á catholica Hespanha era entusiastica; a dirigida á França era assim:

Mol, je représente la France, Et je regardé avec terreur Ce pays sans courir ni vaillance Qui, en un mot, me fait horreur. A professora escolheu para cantar esta copla uma menina de

noze annos, de nacionalidade franceza! E foi preciso recorrer á ameaça de uma manifestação para este numero ser retirado do programma da festa. O facto foi indicado ao sr. Vandervelde pelo proprio tio da pequena franceza, a quem queriam obrigar a injuriar a sua patria. O sr. Vandervelde nota que isto revela uma triste mentalidade da parte do pessoal docente catholico.

Lavagens

Do Fanfulla, de 26 de março: O arcebispo de Paris, mons. Amette, intenta processo por diffamação contra o jornal anticlerical La Colotte. O arcebispo pede 10.000 francos de indemnização.

Do Estado, do mesmo dia: MADRID, 25 — Realizou-se hontem, na capella do palacio real, a cerimonia do Lavapés, offerida pelo rei Affonso XIII a 12 pobres de Madrid. Além dos membros da familia real, assistiram á solennidade altos dignitarios da corte, ministros de Estado e autoridades civis e militares.

Aproximamos as duas notícias, porque ha entre ellas certa relação... de lavagens.

O arcebispo considera-se lavado da afronta se receber 10.000 pratas (Judás contentou-se com trinta: os tempos estão bicudos); e o rei talvez se julgue lavado, lavando hypocritamente os pés a doze pobres — o que é realmente muito effizaz para a solução do problema social, que se vai assim entretendo e demorando... Mas as mãos, doze vezes mergulhadas na agua perfumada, não ficarão lavadas das manchas sangrentas que fizeram o desespero tragico de Lady Macbeth...

Fecho alegre

Um charlatão sagrado fazia um sermão de lagrimas, dirigindo-se a um tosco Christo crucificado num enorme madeiro:

— Jesus, Salvador do mundo, victima expiatoria, quem te põs nessa cruz? Quem te cravou nesse instrumento de supplicio? Os nossos peccados, não é verdade, amantissimo Jesus? As nossas iniquidades, não é certo, ó manso cordeiro?

— Não, senhor — responde pela bocca dum rapazito a voz ingenua da verdade; — foi o João, o marceneiro; eu vi-o fazer o Christo, pô-lo na cruz, prega-lo e pinta-lo depois.

Viagem de cobrança

Por estes dias, o nosso companheiro Edgard Leuenroth visitará Jundiaby, Campinas e Braçaça.

Aos nossos assignantes e a todos os nossos correligionarios, residentes nessas cidades, pedimos boa vontade em auxiliarem a tarefa do nosso companheiro, que não poderá demorar-se muito, naturalmente, em cada localidade.

A existência deste jornal de ideias, depende dum pequeno esforço em seu favor por parte de cada um dos seus leitores e dos que o consideram util.

AOS LEITORES

Se não podeis assignar o nosso jornal — o que é o meio melhor de nos ajudar — comprai-o, e ao mesmo tempo contribui para desenvolver a sua venda, dando preferencia aos vendedores d'A Lanterna quando preciséis de qualquer outra publicação.

Os clercias aconselham na sua imprensa o favor aos que não vendam A Lanterna. Nós, respondendo a esse acto de estúpida intolerancia, apenas pedimos aos nossos correligionarios que favoreçam os vendedores do nosso jornal, não importando que estes vendam também jornaes adversarios — pois elles estão no seu officio honesto e nós não tememos a discussão nem o confronto de ideias.

A melhor maneira de combater esta guerra clerical é a assignatura; mas, se não podeis assignar, comprai A Lanterna todos os sabbados, e favorecei os nossos vendedores com a vossa preferencia em tudo.

Bilhetes postaes

Temos á disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anticlericaes, oito desenhos diferentes, edição do nosso collega O Livre Pensador, aos seguintes preços:

Duzia: \$1000 Um exemplar: 100

RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

Na illusão de que os argumentos por mim expostos no contradictorio de Jardinopolis teriam a força, senão de vos converter ao materialismo, ao menos de vos fazer reflectir sobre a inanidade dos esforços que um pobre sacerdote pode fazer para sustentar, apoiado na fé e no dogma, o edificio arruinado da religião, tinha tomado a modesta resolução de deixar ao numero publico que assistiu ao debate a faculdade de julgar qual das duas theses oppositas, por nós defendidas, saiu victoriosa, evitando, assim, infligir-vos por meu proprio punho, escrevendo, a humilhação de uma triste lembrança: a lembrança de uma derrota que não sómente vós, mas todo o clero soffreu.

Obediente a este principio eminentemente logico e humano, esperava, calando, que tambem vós, haveiis de dar provas da vossa modestia, deixando a terceiros ampla liberdade e precedencia de juizo; nem a mim nem a ninguém jamais passou pela mente que vós, parte nesta causa, vos erigissem em juiz meu e de vos mesmo, antecipando apreciações cujo valor é nullo, precisamente porque procedem de parte interessada, se bem que sob um pseudonymo que mal occulta a tonsura do padre. E já que, infringindo esse principio de seriedade e modestia, vos pusestes a esperar que eu sou um ignorante, um trivial, um fanatico, etc; que sómente vós sois um literato, um philosopho, um pogo de sciencia, um genio, agradeço-vos mais uma vez a bella occasião que me destes de demonstrar, não a vós (que só inspirais lastima) mas a todo o mundo da clericalha e das hystericas beatas, o grande bestarrão que sois.

Não é só isso. O que me tendes dado de mais precioso ainda é a occasião de pôr a claro toda a impostura da vossa religião, toda a fragilidade do vosso Deus, toda a fabula do vosso Christo, o absurdo das vossas concepções sobre a vida futura, o lado comico do vosso paraíso e do vosso inferno, a immoralidade da vossa moral, a infamia da vossa obra de desfrutamento, de escravização, de miseria e de morte que de ha vinte seculos a esta parte exerceis sobre as gerações humanas. Chamaí, pois, em vosso auxilio as vossas legiões de santos e de virgens, trazendo á testa aquelle bregreiro afeminado que se chama Espirito Santo, porque o que pretendo atacar e virar de pernas para o ar é precisamente o grotesco edificio de burlas grosseiras que se chama Religião catholico-apostolico-romana, com todo o seu cortejo de brancos fanteochos — Deus, Diabo, demonios e santos — dos quaes perdidamente vos servis, como doutros tantos espantalhos, para embrutecerdes mais e mais a immensa manada dos «pobres de espirito» que tão christãmente explorais.

Mas antes de proceder a este estudo que dedico (não á vós, pobre camelo que nada distinguís um palmo adiante do nariz!) mas áquelles a quem o mofa acre das sacristias ainda não mumificou completamente o cerebro; antes de entrar no escarpelo da critica nesta gangrena purulenta da religião e do clero que mancha e ultraja a vida civil dos nossos tempos, permiti, meu caro Don Pirlone, que eu passe em revista aquelle amontoado de heresias que despejastes com a pretensão de me refutar, na «Ré-publica», de Jardinopolis o papelucho mais lastimavel, mais cretino, mais idiota, que tem visto a luz sob a abobada azul do ceu.

Tenho sob os olhos dois numeros desse infeliz orgam de sacristia, cheios da vossa prosa amontoada, macarronicamente funeraria, como toda a prosa de igreja, como toda a caldeirada philo-pouco-sophica dos padres psalmistas. Se no contradictorio de Jardinopolis, mais do que um adversario nutrido de doutrinas e ideias, me parecestes um tendilhão de castanhas secas, agora, na polemica, fazeis-me o effeito de um charlatão que vende ceto para callos, um odre cheio de vinho e vaidade, cuja profunda ignorancia é compensada por uma incommensuravel e inconcebivel audácia. Nem um argumento, nem uma ideia se distilla daquella bagaceira de phrases desconexas,

vazias de sentido que amontoastes sobre a Ré-publica. Quanto mais vos leio, mais noto o crescimento das vossas orheiras; quanto mais penetro no labyrintho archi-pyramidal do vosso cerebro — para vislumbrar um principio de ordem nos vossos pensamentos, mais me convenço de que até vos falta uma these.

A unica coisa que consegui decifrar é que fazeis esforços inauditos para tentar a impossivel demonstração de ser a fé baseada na sciencia, e que quasi todos os sciencistas estão convosco em apoio da santa madre igreja catholica-apostolico-romana; mas, tambem neste sentido, a vossa ignorancia não podia ser mais profunda e asuatica, bem como a vossa má fé não poderia ser mais torpe e descarada.

A escolha que fizestes dos sciencistas, em favor da igreja, não podia ser mais humoristica, mais infeliz. Citastes como filhos muito submissos do «dogma catholico», como «catholicos romanos», um Dante Alighieri, que povoou o inferno de bispos, de cardeaes, de papas e cuja Divina Comedia, que lhe custou as amarguras do exilio, foi toda uma filippica intrepida e desapiedada contra a Igreja de Roma; um Descartes que teve de interromper a sua grande obra sobre o systema do mundo, o «Cosmos», para não ser queimado vivo pelos padres, como foi Giordano Bruno e Savonarola; um Racine e um Corneille que foram obrigados pelos padres a fazer penitencia das suas mais bellas obras sob pena de terreis perseguições; um Kepler, a quem a Igreja queimou viva a propria tia e ameaçou de morte a mãe; um Laplace (!!!) que interrogado por Napoleão I sobre o motivo de ter falado de tudo na sua Cosmogonia do Universo, excepto de Deus, respondeu: «Senhor, para explicar as leis do Universo, não tive necessidade de tal hypothese»; um Copernico que aniquilou de um golpe toda a theogonia da Igreja e cuja grande obra sobre a reforma da astronomia foi queimada pelos padres um dia antes da sua morte; um Galileu, torturado em Roma por ter descoberto a rotação da terra em torno do sol e obrigado de joelhos a uma humilhante abjuração; um Bossuet, este reverendissimo graphomano, autor das paginas mais infamantes da theologia christã depois de Santo Affonso de Liguori; um Liebig que poz em ridiculo a historia da criação miraculosa do mundo, inventada pelos padres, demonstrando que nada pode sair do nada; e, finalmente, mais alguns poucos, que foram materialistas em toda a extensão da palavra ou simples espiritalistas como Cuvier, que nada tem de catholico, e é antes um inimigo irreductivel do catholicismo.

Portanto, mesmo nestas citações, má fé, impostura, ignorancia — os unicos predicados moraes que um padre pode apresentar, Mas, porquê, reverendo, ir exhumar do profundo silencio das tumbas, as opiniões dos philosophos da idade média, em matéria religiosa, quando esta questão é hoje lebatida á luz da sciencia moderna? Quem não sabe que quasi todos os philosophos e sabios medievales, embudidos da metaphisica dominante daquelle tempo, perseguidos pelo «Santo Officio», fiscalizados na sua obra pelos bispos e papas, escravizados por amor ou pela força á Igreja, eram forçados a fazer acto de contrição diante dos mais absurdos artigos de fé, e a soffrer a imposição do clero, sob pena de exilio, de tortura ou de morte? Quem não sabe que até ao seculo XVII, através da longa noite intellectual da dominação catholica, os unicos livros que se liam eram os dos padres, as unicas escolas em que se estudava eram as dos padres e a unica philosophia que livremente se podia cultivar era a imposta pelos padres? Quem não sabe, enfim, que o erro, a superstição, a mentira, tinham então um vasto dominio sobre a mentalidade do povo e que as sciencias exactas não se tinham ainda posto em campo para afugentar as trevas do passado com as descobertas das grandes verdades? Porquê, reverendo, havemos de pensar hoje com o cerebro de um Cuvier, de um Kepler ou de um Descartes, se a sciencia embryonaria e a philosophia dualista destes engenhos potentes foram superadas, vencidas, annulladas pelas incessantes conquistas da sciencia moderna, pelas gloriosas descobertas feitas na paleontologia, na geologia, na astronomia? Porventura, o juizo e as crenças dos sabios que sabiam menos, que não podiam ter as concepções modernas da vida e do universo, teriam mais peso que as opiniões dos sciencistas de hoje, que sabem mais?

Quando o sol, no seu curso, parece entrar num dos signos, passa a terra ao signo opposto. Assim, quando a terra se encontra em frente da Balança, parece o sol entrar no signo do Carneiro. (2) Levando o sol, cerca de trinta dias a passar dum signo para o seguinte, foi cada signo dividido nas cartas em 30 graus, o que perfaz um total de 360 graus, correspondentes aproximadamente á duração de cada revolução periódica em torno do sol. (3) Foi em consequencia desta observação verdadeiramente scientifica que se foi levado a dividir este periodo em doze vezes trinta dias. Esta medida do tempo é uma das primeiras e das mais bellas conquistas da sciencia.

Só o pensar nisso seria absurdo, e, por consequencia, é com o vasto patrimonio dos conhecimentos actuaes e não com os de outros tempos que se deve abordar o problema religioso.

Ora as sciencias modernas tem uma orientação distinctamente materialista, e sabios que sustentem a hypothese Deus, Diabo, Paraíso, Inferno e as chocarrices desenxabidas do padre Ravaioli, não nascem mais.

E é precisamente á luz destas sciencias positivas e exactas que eu penetrarei nos obliquos meandros da questão religiosa.

Antes de tudo, uma premissa necessaria: em pleno seculo XX somos constringidos a negligenciar, em grande parte, o estudo dos problemas mais complicados e profundos da vida para combater, na mentalidade suggestionada do povo, crenças infantis e absurdos grosseiros já de ha muito banidos do vasto dominio das sciencias modernas, e completamente destruidos pelo espirito critico do nosso tempo. A ordem moral do mundo, mais do que pelas indestructiveis verdades colhidas no estudo dos phenomenos naturaes, pelas constantes e deslumbradoras descobertas da sciencia, é regida por principios metaphysicos, por crenças transcendentaes, por temores infundados e superstições embrutecedoras! O espirito pueril da humanidade primitiva, adeja sobre a consciencia das gerações presentes. Todos os erros do passado, as lendas mais grotescas da antiguidade, os mais insanos prejuizos dos nossos antepassados, as fabulas mais inspidas e as mentiras mais torpes de que foi embecida a mente dos povos, dos philosophos e dos sabios na longa noite intellectual da Idade-Média, transmittidos successivamente de pai a filho, de geração em geração, acabaram por crear na multidão inculta uma psychologia especial que representa o phenomeno morbido da fé religiosa, um estado pathologico intermediario entre a imbecilidade e o idiotismo, uma forma delirante de ascetismo colectivo, pela qual se é mais propenso a aceitar como indiscutíveis as ridiculas historias da carochinha, grotescamente tecidas pelos charlatães da Igreja, do que as axiomaticas verdades resultantes das investigações sobre a natureza e das observações scientificas dos factos.

Resumo da Historia das Religões

O Sol

Os povos pastores, (1) cuja vida se passava ao ar livre, tinham incessantemente sob os olhos o espectáculo do movimento dos astros.

A observação do ceu deixou-lhes distinguir certas constellações ou grupos de estrellas, nas quaes o sol parece entrar alternadamente durante a sua carreira apparente annual. Assim se foi levado a representar pelo desenho o aspecto do ceu, marcando a zona ou zodiaco onde se encontravam aquellas constellações que foram designadas por nomes diferentes.

Para bem comprehendermos esta operação, que foi a origem da sciencia astronomica, bastará reportarmo-nos ás figuras que representam o globo celeste dividido em duas partes, formando o hemispherio boreal e o hemispherio austral. Partindo da constellação da Virgem, situada no alto do hemispherio boreal, encontramos, descendo, as constellações seguintes: o Leão, o Caranguejo, os Gêmeos, o Touro, o Carneiro (ou Cordeiro). Depois, subindo pela esquerda para o hemispherio austral os Peixes, o Aquario, o Capricornio, o Sagitario, o Escorpião, a Balança.

Quando o sol, no seu curso, parece entrar num dos signos, passa a terra ao signo opposto. Assim, quando a terra se encontra em frente da Balança, parece o sol entrar no signo do Carneiro. (2) Levando o sol, cerca de trinta dias a passar dum signo para o seguinte, foi cada signo dividido nas cartas em 30 graus, o que perfaz um total de 360 graus, correspondentes aproximadamente á duração de cada revolução periódica em torno do sol. (3) Foi em consequencia desta observação verdadeiramente scientifica que se foi levado a dividir este periodo em doze vezes trinta dias. Esta medida do tempo é uma das primeiras e das mais bellas conquistas da sciencia.

MALVERT.

(Continúa.)

(1) Os que viviam do producto dos rebanhos, que lhes davam leite e carne para se alimentarem, e pelles para se vestirem.

(2) Ver a figura que indica a posição da terra nos quatro periodos da sua revolução annual em volta do sol, solsticios e equinoxios. Em consequencia do phenomeno astronomico conhecido pelo nome de precessão dos equinoxios, descoberto por Hipparco, as doze constellações do zodiaco já não occupam hoje a mesma posição, avançando pouco mais de 30 graus. Nos almanacs, tem-se, todavia, conservado a antiga divisão. Quando as ephemerides annuaes que, a 29 de março, entra o sol no signo do Carneiro, é no antigo signo do Carneiro, que se deve entender, porque, actualmente, a esta data, está já o sol ha pert. dum mez na constellação dos Peixes.

(3) Os antigos nem sequer suspeitavam de que a terra gira em volta do sol. Julgavam-na fixa e immovel. O sol e os astros pareciam-lhes circular por cima d'elles, por uma illusão analogá a que soffremos num trem em marcha, donde as arvores e as casas nos parecem mover-se quando somos nós que estamos em movimento.

Subsidios para a historia de um crime

O discurso do defensor de Ferrer

(Ver n. 23)

Cheguemos ao emprestimo de algumas pesetas feito á Solidariedade Obrera durante a luta que ella susteve por causa das injustiças soffridas por alguns associados da parte do jornal El Progreso que, depois de ter muitas vezes affirmado que a regeneração da Hespanha era a reivindicación dos direitos da classe operaria, seguia contra os seus empregados uma linha de conduta que podia censurar aos mesmos que nas suas columnas tantas vezes tinha tratado de exploradores da humanidade. O emprestimo de Ferrer bastou então para fazer declarar intimo do partido radical aquelle que esse partido tinha sempre considerado, aquelle a quem elle devia a organização das suas escolas, a instituição unica da Casa do Povo cuja utilidade foi reconhecida pelos seus proprios inimigos, serviços que essa gente pagou com uma ingratição que custa a conceber; e esses homens contribuíram com os seus depoimentos, falsos e perdidos para a obra dos inimigos d'elle, inimigos cujo castigo não tardaremos a ver se a justiça não desaparecer deste mundo.

Ea em resumo os elementos que, reunidos pela obstinação, o egoismo, o odio e a ingratição formaram contra Ferrer esse bloco que começou por obter a sua prisão e continúa hoje os seus ataques encarniçados para que a sua innocencia fique duvidosa e elle não possa, com a sua acção pacifica e educativa, voltar a estorvar-lhe as empresas e arrancar-lhe as garras aquelles de quem, cada um no seu lugar, elles contam servir-se para seus designios equivocos.

Teve sobre o juiz deste processo alguma influencia esta instrução tão nova? Sim, e, segundo creio, ella excitou a sua vigilancia até á confusão. Procurando o porquê e o como dos acontecimentos tão magistralmente narrados pelo sr. promotor, quiz elle, na nobre intenção de acabar de vez com essas scenas vergonhosas que deshonram Barcelona, achar á cabeça do movimento, reduzi-la á impotencia, supprimi-la. Para isso teve que admitir sem base que esses successos tiveram um inicio perfeitamente organizado, dirigido por homens de ideias avançadas, que pelo seu talento tinham conquistado a estima dos trabalhadores, o prestigio entre as classes pobres, a quem se suppunha o poder de levar essas massas ás peores selvagerias, a inverosimilidades loucraes. O juiz o promotor e a maior parte das pessoas que se occuparam dos factos que aqui nos reunem não quizeram comprehender que precisamente a marcha e o desenvolvimento do que se chama sem título, a revolução, o damno cau-

AS IMPIEDADES DOS PIOS

As piedades dos Impios

ESPECIE DE PROLOGO

Os bandidos da sacristia não cessam de atirar lama á cara da civilização moderna.

Para elles, todo o homem que não sabe, não quer ou não pode amoldar a sua razão ao dogma em virtude da grande opposição em que está com a sciencia contemporanea, é um impio, um atheu, réu de lesa-majestade, divina e humana.

O que crê, pelo contrario, ainda que seja scelerado, o peor dos fainóras, é um homem santo, um modelo de virtudes.

Por consequencia, aos olhos destes bandidos religiosos, o homem honrado, mas descrente, nada vale, ao passo que o mais vil dentre os humanos, sendo crente, é proclamado santo.

Destes exemplos está cheia a Historia.

Os religiosos dão-se a si mesmos o nome de pios, quer dizer compassivos, bondosos; mas o certo é que a Historia está com todas as

paginas tintas de sangue, producto de suas impiidades.

Quando qualquer saltador da Igreja clama que os interesses de Deus estão em perigo, falta a toda a verdade: não são os interesses de Deus os que perigam, visto que todo o Universo lhe pertence, mas sim os delle proprio, os da Igreja, criados á sombra da religião.

Ao mesmo tempo que denunciavam uma excessiva hypocrisia, estes pescadores de aguas turvas dão uma triste prova da fraqueza de seu Deus, pois que nem para proteger os seus proprios interesses serve, necessitando de quem os defenda!...

Se continuassemos este caminho que a logica oferece, depressa chegaríamos á negação deste Deus interesseiro, cujos ministros não passam duns refinados hypocritas ou charlatões, não sabem mais de que argumentos hão de lançar mão para justificar a sua existencia á custa dos povos.

Estes bandidos inculcam ás massas o desprezo dos bens mundanos e vivem na opulencia; aconselham a humildade, a resignação e o soffrimento, e são orgulhosos, vivem rodeados de todas as commodidades e impacientemente accumulam thesouros; fazem voto de castidade e levam uma vida de

desenfreada libertinagem; ensinam o perdão das injurias e exercem cruéis vinganças; pregam a paz e a harmonia e vivem intrigando e promovendo discórdias; finalmente proclamam o amor, a fraternidade entre os povos, o desinteresse e o respeito á vida a heia e fomentam odios, atizam guerras, são egoistas ao extremo e exterminam a mais preciosa existencia com a mais requintada crueldade.

Tal é, pois, a gente piedosa de todos os tempos e lugares.

Entretanto, quando isto se lhe diz, della se apodera uma santa indignação, um santo odio, o qual não mais pode cevar com apparatus astutos de fe nem supplicios de forcas, contentando-se apenas com disfarça-lo com injurias e calumnias rancorosamente premeditadas.

Comtudo, preciso é notar que em todas as accusações formula das pela critica historica contemporanea contra a gente da Igreja, não ha o mais pequeno exaggero, porque, como dissemos, todas as paginas da Historia estão tintas de sangue com as impiidades desta gente.

Esta vil canalha, de cujo seio têm saído—como adiante provaremos—os maiores ladrões e assassinos, não se cança de denegrir—

já que não pode queima-los — os livre-pensadores, os maçons, os socialistas, os anarchistas e, em summa, todos os que discordam dos absurdos dogmas catholicos-papistas, taxando-os de impios e atheus e apontando-os como capazes de commetter todos os crimes.

Porque tanto rancor dos bandidos theocratras contra os homens livres?

Facilmente se comprehende: é porque os dissidentes do dogma esforçam-se por arrancar as mascaras á vil exploração dos abutres clericas.

Dahi o seu odio contra os homens livres (peço menos de pensamento), contra a mesma liberdade, contra a sciencia, contra o livre exame, contra a razão e, emfim, contra tudo o que tende a emancipar as massas ignorantes e credulas, verdadeiros rebanhos de carneiros, do tenebroso e por demais pesadissimo jugo das negras legiões da Igreja.

Quanto ás ridiculas e não menos infundadas accusações que aos incréos fazem, apresentando-os aos olhos do ignorante vulgo como verdadeiros monstros — cseses não podem resistir á menor analyse porque a portentosa voz da Historia é mais eloquente do que

todos os latidos reunidos dos cães da sacristia!

Quem foram os assassinos dos judeus, dos manicheus e dos albigenses?

Os catholicos, os piedosos filhos de Deus e da Igreja, a cujos acoes se entregavam a todos os excessos, taes como matar, roubar, incendiar...

Quem foram os fundadores da sanguinaria e iniqua Inquisição, que por espaço de 6 seculos teve o mundo sumido na mais profunda barbaria, cobrindo-o de fogueiras, e cuja missão cifrava-se tão sómente em matar e roubar?

A quem foi o assassino de Miguel Servet e o carrasco dos camponeses allemães? Calvino e Luthero, dois assassinos religiosos, os papas primitivos do protestantismo actual.

Quaes foram os autores daquella medonha hecatombe conhecida na Historia com o nome de Saint Barthelemy?... Os religiosos, cujo furor sanguinario, ignorancia e fanatismo, alimentados por uma ferroz ambição de riquezas que a todos devorava, produziram aquella horrivel confusão que não lhes permitia entenderem-se ácerca do seu Deus, e que teve como consequencia mais de 100 mil assassinos!!!

Por certo que não foram os atheus nem os impios os provocadores e autores daquella horrorosa carnificina, mas sómente os caubas e piedosissimos filhos de Deus e da Igreja.

Igualmente, nem os impios nem os atheus podem ser arguidos dos espantosos crimes e horrorosas matanças produzidas pelas cruzadas, nem ainda do assassinato de 70.000 musulmanos degollados aos pés dos altares em Jerusalém na primeira cruzada, mas sómente os filhos de Deus e da Igreja, que para lá os enviou afim de que dessem redea solta á devoradora séde de rapinas que os atormentava e expandia a todos os seus crimes e vicios.

Foram os religiosos — note-se bem, e não os atheus nem os impios — os assassinos de Hypatia, philosopha grega; os perseguidores de Abelard, os assassinos de Arnaldo de Brescia, de João Huss, de Jeronymo de Praga, de Joanna d'Arc, de Savonarola, de Giordano Bruno, de Lucilio Vanini, de Santiago Pauvant, de Luiz Berquin, de Thomaz Morus, de Estevam Dolet, de Coligny; os perseguidores de Campanella e os atormentadores

(Continúa.)

sado a associações inoffensivas, a sociedades protectoras das crianças dos desgraçados, mostram que faltou um chefe para dirigir os rebeldes, um chefe que, guiando-os, os teria impedido de se entregarem a excessos, deshonrando assim o movimento; porque, se fossem revolucionarios, a revolução nascente teria bem pouca honra, prestigio, força moral e poder, esses chefes, que todavia possuíam todas as molas duma autoridade que alguns ingenuos e muitos cobardes viram brandir para cair sobre as mãos sujas de fumo e de sangue de alguns miseráveis culpados de incendio, assassinato, ou banditismo.

Com essas vistas e essas confusões, os olhos dos juizes caíram sobre homens que, tendo ideias contrarias ao actual estado de coisas, se alucinam na creença numa mudança da constituição social e especialmente sobre os que, perfilhando essas ideias, essas illusões, têm a intelligencia, a instrução, o saber.

Eis o que tornou suspeitos alcaides e deputados do partido radical; eis o que conduziu perante o tribunal o accusado que defendo, Francisco Ferrer Guardia.

Não vos offendais, pois, senhores juizes, se, comprehendendo toda a força desta vaga formada de elementos tão diversos, acho bom, antes de passar aos factos concretos, chamar sobre elles a vossa attenção, pôr-vos em guarda (permitti-me a expressão) contra o seu impulso. Tenho, durante estes ultimos dias, soffrido tantas desilusões, de tantos erros me dezi desde que Ferrer me honrou com a sua confiança, que estou absolutamente revidado. Ha na sociedade actual um nivel moral tão baixo, tal degenerescencia, tal pobreza de nobres ideias, tal riqueza de paixões miseráveis, que eu tinha necessidade de ser fortificado pelo vosso exemplo para não perder a esperanza na vossa justiça, no vosso bom coração, na vossa boa vontade para ter confiança ainda, apesar de tudo, em que escutareis attentamente o pouco que pude achar em vinte e quatro horas nessas seiscentas paginas para destruir a terrivel accusação que acabamos de ouvir, para vos impedir de decidir segundo a voz publica, como vos aconselhou o accusador, embora eu pense que só essa voz pôde guiar a sua informação.

(O defensor passa ao exame das testemunhas, provando que as de Premia não são dignas de fé. Sobre as de Barcelona, diz:— Manuel Jiménez Moya, testemunha importante porque foi exilado, segundo o accusador. Da do papel preponderante de Ferrer uma explicação perfeita, mas sem provas, e como uma afirmação pessoal que a revolta veio da Liga antimilitarista e de Ferrer, mas acabou por confessar que nada sabe por ter estado ausente de Barcelona a 15 de julho. D. Narciso Verdaguer y Callis, inimigo politico de Ferrer, afirma que este organizou a revolta «conforme informações que não lhe é possível averiguar».

D. Emiliano Iglesias diz ignorar a relação entre Ferrer e a Solidariedad Obrera; a testemunha mais importante para o accusador, Baldomero Bonet, nada precisa a

affirma ignorar inteiramente que parte tomou Ferrer nos successos.

João Puig Ventura (Larch, segundo nome), crê ser tudo obra de Ferrer porque—affirmação falsa—as ideias de Ferrer coincidem com os excessos commettidos. Portanto, o tribunal pode ver que este grave, este primeiro argumento não passa duma dupla supposição baseada sobre boatos.

(Aqui o defensor examina a testemunha official de barbeiro de Masnou, Francisco Domenech, dotado de boa original memoria que, embora se lembre de todas as palavras pronunciadas por Ferrer nessa noite, não pôde recordar-se em que café estavam; e depois de ter conseguido, não em verdade tanto como se pretendeu, evitar attritos entre El Progreso e a Solidariedad Obrera, acha modo de sair de Hespanha com 22 annos, num momento tão grave para a patria, apesar da excessiva vigilancia, talvez para comer no estrangeiro o dinheiro ganho com a sua lingua de reptil.)

Deixemos um momento ao accusador: que prosiga cuidadosamente em suas pesquisas e nos mostre algum facto para o dia 27: porque 24 horas de ausencia sem um signal de commando da parte do pretensio ehele da sublevação podem muito bem fazer pensar que ella sabia o que devia fazer e não tinha necessidade alguma da direcção do homem que, tranquillamente, no Mas Germinal esperava o regresso da calma para continuar os seus trabalhos na casa de edições. Fechada a Escola Moderna sobre a pressão que dissemos, como um local infecto e pernicioso, os seus gostos o tinham levado á acção educativa pelas publicações e havia fundado a Casa de Edições, começando com a energia pertinaz que o caracteriza a editar os livros já apparecidos fora de Hespanha para defesa da razão autonoma contra as tradições seculares, o que o relaciona com autores, philosophos, de Paris, Bruxellas, Londres. E assim que vemos em casa delle milhares de livros, que vemos augmentar a importancia da sua casa editorial, e de novo atrair a attenção para sua desgraça de novo seus inimigos vêem que as suas ideias de progresso e de razão retomam a sua marcha, e se antes lhe teriam a escola, pretendem desta vez supprimi-lo a elle proprio para acabar com a ideia, esquecendo que não é o homem que impõe as ideias, mas que estas têm em si mesmas o seu movimento e a sua força, e que cedo ou tarde, como irresistivel corrente, arrebatam os velhos diques da inquisição que ainda por um pouco de tempo lhes podem deter o curso.

(Continúa.)

Aviso importante

Todas as quantias enviadas de fora para esta folha devem ser exclusivamente endereçadas ou ao nome do jornal, sem indicação de pessoa, ou a NENO VASCO, largo da Sé, n.º 5.

Pelas quantias diversamente endereçadas não podemos ficar responsáveis.

A Escola Moderna

São da professora Aurea Correia de Martinez as palavras que abaixo transcrevemos, recortadas-as da sua chronica publicada na Gazeta de Noticias:

«E' com prazer que registro nestas columnas o recebimento do impresso da Associação Pro Escola Moderna, enviado pela respectiva commissão, firmado por nomes conhecidos, em que figura o do Dr. Caio Cesar Monteiro de Barros, brilhante advogado, moço e intelligente, que com a sua palavra e o seu talento vem colaborar em tão arrojada quão nobilissima empresa.

A fundação da Escola Moderna foi resolvida em assemblea de 27 de fevereiro do anno corrente e visa a emancipação humana, ou o que quer dizer, o desenvolvimento physico, intellectual e moral da humanidade. A novel instituição obedece aos principios de Francisco Ferrer, o fundador da escola racionalista, victima da incomprehensão do seu ideal, trazida pela ignorancia e pelo preconceito.

Um dos fins da Associação é a disseminação de escolas, fundadas sob taes auspícios, e a preparação de professores capazes de dirigi-las, formando cidadãos aptos para um regimen de vida em harmonia com os designios da Escola Moderna. O centro editorial de que a Associação cogitará, para o fornecimento do material necessario á diffusão de escolas congeneres em todo o Brasil conta com o valioso apoio da valente iniciativa dos paulistas á realização dos ideaes communs.

De ha muito, venho de citar os inconvenientes da educação e da instrução sob o dominio dos preconceitos, posta a razão de lado e até os proprios direitos, formando creaturas incapazes de agir, dentro do circulo das convenções e da praxe, que lhes é imposta, como um meio seguro de cortar-lhes as aspirações e quantas vezes a enfraquecer-lhes ou nulificar-lhes a dignidade pessoal. No ambiente dos preconceitos e das opiniões, que será feito ao caracter que se revela e ás tendencias que surgem, quando incognita está a suffocação dos sentimentos do homem, já formado ou a sua dissimulação á égide corruptora da hypocrisia e de seu malefico e abundante cortejo?

Que será a Escola Moderna verão os adversarios, depois de vencidos ou, pelo menos, modificados os terriveis obstaculos, oriundos da praxe, da superstição e do exaggero com que se acharão a braços os ardorosos apóstolos da liberdade.

E' preciso esperar com o criterio que demandam grandes causas e ver-lhes os effectos antes que bate-las apaixonadamente ou taxa-las de evjadas de vicios e de incorrecções.

Não vem a Escola Moderna crear monstros ou formar vândalos; ella vem tornar o homem forte e vigoroso, emancipando-o por completo, libertando-o, abrindo-lhe os olhos á luz e ao progresso humano, encaminhando-o para as lutas da vida, ao amparo da razão, que o deve dominar,

furtando-o ás consequencias da abusão, encorajando-o, fortalecendo-lhe o caracter e tornando-o digno de sua existencia e de sua individualidade.

A' valorosa Associação os meus applausos e a mais ardorosa adhesão.

(VER O NUM. ANTERIOR)

Cravinhos. — Lista a cargo de Pasquale Marziani: P. Marziani, 55 — Silvio Aldinucci, 55 — Cesare Gumirato, 15 — Giuseppe Giacinta, 15 — Salvatore Curti, 15 — Immutabile, 55 — Adolfo Pucinelli, 25 — Alessandro Facciopieri, 15 — Romano Lazaro, 15 — Gioacchino Viale, 15 — Juliano Lapchade, 25 — Enrico Principessa, 15 — Alfonso Piccolo, 15 — Anonimo, 35 — Eusebio Dini, 1500 — Franceschino Bonifazio, 25 — Fortunato Vecchiato, 15 — Angelo Regini, 35 — Senapeschi, 25 — Olivio Gazzatti, 15 — Tommaso Suffredino, 15 — F. Coli, 15 — R. Rosa, 55 — A. Favaretto, 25 — Santo Stocco, 15 — Emilio Del Bianco, 15 — Tebaldo Fustini, 15 — Eumene Garzella, 15 — Incognito, 155 — Total, 68500.

Bitinga. — Lista a cargo de Vincenzo Riccardi: V. Riccardi, 45 — N. N., 45 — Belzebú, 25 — Annibal Simões, 500 rs. — Sebastião Simões, 500 rs. — Ademir Simões, 500 rs. — João Simões, 200 rs. — Seraphim Lepore, 500 rs. — Vicente Lepore, 300 rs. — Saverio Lepore, 500 rs. — Antonio Lepore, 500 rs. — João Lepore, 500 rs. — Antonio Searamuzza, 500 rs. — Pasquale Lepore, 500 rs. — Seraphim Diarico, 25 — João Braga, 15 — Dino Rossigalli, 15 — Fra Diavolo, 25 — Pedro Anti, 15 — F. A. Stocco, 15 — Antonio S. V., 500 rs. — João Pernalonga, 25 — Nicola De Battista, 15 — Pietro de Battista, 15 — Alípio Teixeira Pitta, 15 — Vincenzo Angelucci, 15 — Bernardino Angelucci, 15 — Vicente Mariotti, 15 — João Crestani, 15 — Pedro Paulo Gallo, 15 — Custodio R. dos Santos, 15 — Menos 15 para despesas de correio — Total, 345000.

S. Paulo. — Lista a cargo de José Sanz Duro: Feliciano Sanz, 55 — R. Morrte, 55 — Ferrer Segundo, 55 — Enrico Ferro, 55 — Alessandro Baraldi, 55 — Jacob Kuhn, 55 — Total, 805000.

Os nossos representantes

São nossos agentes, fora desta cidade, com o encargo de angariar e cobrar assignaturas, os seguintes amigos:

- Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n.º 41.
Uberaba, sr. José Delfino Pereira Junior, rua Saldanha Marinho.
Franca, sr. Innocencio Belles.
Sorocaba, sr. Luiz Bexzi, rua Martim Affonso, 16.
Rio de Janeiro, sr. Manuel Moscoso, João Leuenroth, rua Hospício, 166.
Niterói, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.
S. Roque, sr. Credo Negrelli.
Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.
Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conquistado, 22.
Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.
S. Em Vicente, sr. Miguel Barrella.
Rincão, Pontal, Fitzguerra e ramal de Magy Guais, sr. Francisco de Almeida Ramalho.
Atibaia, dr. Olympio Paixão.
Fardineópolis, sr. João Zucchi.
Salto de Itá, sr. Scipione Del Moro.

A Lanterna no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

- Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.
Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.
Em Santos, na agencia do sr. Faiva Magalhães, rua General Camara, 14.

OS PRODIGIOS DO CLERO

Os jornaes portuguezes continuam a publicar as proezas que os santos padres praticam. Vejamos se são factos que os homens de bom senso possam calar.

O lavrador Albino Rodrigues da Silva, da freguezia de Guinifães, concelho da Maia, Portugal, surpreende sua mulher deitada com o paroco, que elle detém; mas a quem as autoridades dão fuga, deixando-o ir... dizer missa. A Lanterna já narrou isso por extenso no n.º 22.

Porém, não páram aqui as modas. Vejamos mais prodigios. Noticiam de Villa Nova Anadia que o Padre José Fernandes Pimenta é cansador de desordem familiar, e, ao que parece, o tribunal da comarca de Anadia corre o processo de separação de pessoas entre o sr. Joaquim Antunes de Oliveira Coimbra, e sua ex-fiel esposa D. Maria Pinto de Campos Coimbra, fact este causado pela vergonhosa moral do reverendissimo padroco José Fernandes Pimenta (não é á tã que se chama pimenta, que arden a ponto de apartar os dois consortes, creando assim dois infelizes inimigos). Veja como é grande a moral destes corvos que ficam impunes pelos actos que praticam constantemente: a prova nua e crua está no caso do lavrador Albino Rodrigues da Silva, de que acima falei, e dahi veremos que ninguém toma a responsabilidade de estes acceitados! Guerra, pois, aos infames parasitas da humanidade!

Acantelem-se, portanto, os moradores do districto de Mayrink com o reverendo padre Rossi (e Cia.), que, apesar de ter sido esecrariado de Mayrink, teve a sorte de encontrar um ponto de apoio na chacarra da sra. Vinva Viani, onde estabeleceu sua residencia. Ali elle mandou construir uma capella coberta de sapé e uma casa para sua moradia coberta de telhas, talvez com medo que a queimem quando elle repousa do cansaço do trabalho diurno... importantando-se pouco, muito pouco, que queimem a casa de Deus com os bonecos que ella contém, porque os feiis tornariam a comprar outros, embora fosse preciso vender tudo quanto lhes é caro. Verdaderamente os srs. padre Rossi e Cia. tem toda a razão: bonecos ha muitos quem os faça e quem os compre; porém o padre Rossi, creio que será mais difficil, sendo elle um tão avançado na idade... Tenham, pois, cuidado, sr. padre Rossi e Cia., porque a vida é cara, e os bonecos nada lhes custam enquanto o sturarem os tolos; mas mais cuidado recomendo a seus feiis, porque as proezas de taes ministros de Deus estão se tornando graves até ao extremo. Guerra, pois, sem perda de tempo!

Mayrink. Um amigo do progresso.

Está autorizado a proceder á cobrança de assignaturas d' A Lanterna no Rio de Janeiro a sr. João Leuenroth.

Contamos com a boa vontade dos nossos amigos e assignantes para o auxiliarem na tarefa.

Festa pró-Escola Moderna

Promovida pelo sub-Comité do Bom Retiro, no sabbado, 16 de abril, ás 8 e 112 da noite, no Salão Turnierschaft von 1890, rua Bom Retiro, 52 (em frente ao templo protestante), realizar-se-á um bello festival em beneficio desta iniciativa.

O Grupo Philodramatico Libertario executará o seguinte programma: Per il codice, drama em dois actos, de A. Novelli.

Il Maestro, boceto em 1 acto, de Rouselle.

Vista Thevera, boceto em um acto em verso, de P. Chiens.

Grande kermesse e baile familiar.

Emulsão de Scott

Livrou Esta Criança D'uma Morte Certa



CYNIRA MARTINS

«Minha filha Cynira foi atacada na idade de dois annos e meio de pulmonia dupla e successiva, febre diphtheria, febre escarlatina e outras affecções proprias da idade que a obrigaram a guardar o leito por mais de seis meses.

«Em taes circumstancias, consultei o distincto medico Angel Simões o qual mandou que se lhe desse a Emulsão de Scott. «Apesar tomou os primeiros frascos, começou a melhorar e tendo continuado o uso da Emulsão durante algum tempo, ficou completamente restabelecida e tão robusta e saudavel que até á sua idade actual (nove annos e meio), não tornou a adoecer.»—B. MARTINS DE MORAES, Campinas, São Paulo.

Exigir sempre esta marca, sem a qual nenhuma Emulsão é boa nem legitima.

SCOTT & BOWNE, Chimicos, Nova York

Aos assignantes

Estamos proscedendo á cobrança desta capital, estando encarregado desse serviço o sr. Paulino Schiavi. Contamos com a coadjvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deletorio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

ASSIGNA! ASSIGNA!

É a assignatura, paga adiantadamente, que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combutivel... Não basta comprar numero por numero; é preciso assignar A Lanterna! Se, se for possível, assigne-lhe assignatura!

